

Memória, Biografia, Escritura nos Evangelhos

GUIJARRO OPORTO, Santiago. *Os Evangelhos: Memória, Biografia, Escritura*, São Paulo: Loyola, 2015.

O *pequeno grande livro* que passo a resenhar apresenta a continuidade das pesquisas de Santiago Guijarro, professor de exegese do Novo Testamento na Pontifícia Universidade de Salamanca (Espanha). Digo continuidade pois o autor publicou recentemente uma ampla obra sobre os quatro evangelhos, fruto de vários anos de pesquisa (*Los cuatro evangelios*, Salamanca: Sígueme, 2010 – resenhado por mim na revista *Espaços*, v. 20 n. 2. 2012, pp. 83-97). Sendo assim, tão logo soube da publicação apressei-me em adquirir a edição espanhola (Salamanca: Sígueme, 2012), e alegro-me que a Editora Loyola já tenha proporcionado a tradução em português.

No livro Guijarro procura responder em modo mais aprofundado, na continuidade da sua pesquisa, a três perguntas que se situam dentro das três fases da formação dos evangelhos (cf. *Dei Verbum* 19), a saber a atividade pública de Jesus, a transmissão das tradições acerca dele e a redação dos evangelhos, às quais o autor acrescenta uma quarta fase: a seleção de quatro entre os escritos sobre Jesus (o “evangelho tetramorfo”). As perguntas são: onde se conservaram as tradições sobre Jesus, porque a memória sobre Jesus foi fixada em quatro relatos biográficos e quando os evangelhos passaram a ser considerados “Escritura”. O título do livro, como se pode notar, exprime as três interrogações em modo sucinto: Memória, Biografia, Escritura.

Memória: À primeira pergunta – onde se conservaram as tradições sobre Jesus – o autor responde argumentando sobre a importância da “terra de Israel” como local para a conservação e a transmissão dessas tradições. Nesse sentido, um primeiro aspecto que ele sublinha é a escassa presença de tradições sobre Jesus nas cartas de Paulo. Para Guijarro este fenômeno não se deve à falta de conhecimento de tais tradições por parte do apóstolo, mas sobretudo pelo diferente contexto onde ele evangelizou. O mundo das comunidades paulinas foi sobretudo o mundo do Império Romano, onde ao nascente movimento cristão, enquanto “novo culto”, interessava sublinhar *ad extra* sobretudo os dados referentes à morte e gloriosa ressurreição de Jesus, pois permitiam anunciá-lo mais facilmente como proposta alternativa de salvação no ambiente imperial. Diversamente, na área siro-palestinese, em um contexto estreitamente judaico, era necessário que às comunidades, enquanto *seitas*, cultivassem com mais atenção as tradições sobre as ações e palavras de Jesus, tendo em vista sublinhar as diferenças em relação aos demais segmentos do judaísmo e assim delimitar e construir a própria identidade.

Um segundo aspecto que o autor sublinha, sempre respondendo à primeira pergunta, refere-se ao *colorido local* (expressão cunhada por Gerd Theissen) presente nas tradições evangélicas, e que pressupõe a área siro-palestinese como lugar de transmissão e composição. Por fim, o uso do termo *evangelho* – bem antes que passasse a ser utilizado para referir-se aos escritos sobre Jesus – também indica a importância do contexto na transmissão das tradições sobre Jesus. De fato, nas comunidades paulinas a *boa notícia* era sobretudo o querigma da morte e ressurreição de Jesus (cf., por exemplo, 1Cor 15, 1-5), anunciado como alternativa ao evangelho do culto imperial, enquanto que, no contexto siro-palestinese, a *boa notícia* estava muito mais ligada ao anúncio da chegada do Reino de Deus (cf., por exemplo, Mc 1,15), na linha do evangelho anunciado por Isaías (cfr. Is 52,7).

Para completar a sua resposta Guijarro traz à tona a hipótese levantada por Richard Bauckham (*The Gospels for All Christians: Rethinking the Gospel Audiences*, 1998), segundo a qual os evangelhos não teriam sido escritos tendo em vista comunidades específicas, mas sim um público em geral. Ele salienta que, se por um lado tal tese não convenceu os exegetas dos evangelhos, por outro os obrigou a uma análise mais cuidadosa do tema. Como resultado dessa

análise, Guijarro defende que quase todos os evangelhos (Marcos, Mateus e João) foram redigidos junto às regiões limítrofes da Palestina, no seio de comunidades específicas, refletindo as tradições conservadas e transmitidas na *terra de Israel*, e isto como resultado da fuga maciça na direção dessas regiões limítrofes provocada pelos acontecimentos em torno à I Guerra romano-judaica (66-74 d.C.).

Biografia: A segunda pergunta a qual Santiago Guijarro procura responder é: porque a memória sobre Jesus foi fixada em quatro relatos biográficos? Como os quatro evangelhos não foram as primeiras composições escritas das memórias sobre Jesus em absoluto, mas já antes certas tradições haviam sido fixadas por escrito (pense-se sobretudo no Relato da Paixão, na Fonte Q e em uma possível Fonte de Sinais), cabe perguntar-se porque foi sentida a necessidade de formular posteriormente relatos biográficos acerca de Jesus. Segundo o exegeta espanhol, enquanto normalmente os manuais perguntam-se pelo “como” do processo, aqui cabe perguntar-se pelo “porque”. Nesse sentido, ele argumenta que por trás das primeiras composições escritas estava a precisa pergunta pela identidade de Jesus, a qual os discípulos(as) tentara responder, à luz da Ressurreição, sobretudo relendo o Antigo Testamento. Nesse processo, todavia, será somente a união das diversas memórias, para além das composições isoladas de trechos ou aspectos da vida de Jesus, que responderá em modo mais satisfatório a pergunta pela sua identidade. Marcos será o primeiro a realizar tal intento, escrevendo a primeira biografia sobre Jesus.

Guijarro reconhece que não há consenso em torno ao gênero literário dos evangelhos. Todavia, põe em evidência que o estudo das biografias antigas (cfr., por exemplo, Richard Burridge, *What are the Gospels. A Comparison with the Graeco-Roman Biography*, 1992) tem trazido um enfoque novo para o estudo do tema. Nesse sentido, ao escutar o termo *biografia* o leitor não deve pensar nas biografias atuais, pois se trata do gênero literário *bíos*, a *biografia antiga*, muito mais centrada na intenção de apresentar o biografado como pessoa honrada e digna de louvor do que preocupada com a exatidão crítico-científica.

Ainda respondendo à segunda pergunta, uma outra interrogação que se coloca no horizonte é porque os primeiros cristãos, que tinham à disposição também outros escritos sobre Jesus para além dos quatro evangelhos posteriormente canonizados, selecionaram estes quatro e somente estes.

Guijarro crê que, para além dos critérios clássicos de seleção – catolicidade, apostolicidade e *regula fidei* – o gênero biográfico colaborou para que estes quatro fossem os selecionados como autênticas testemunhas das tradições jesuanas. Para esclarecer melhor esta sua hipótese o exegeta espanhol traz à tona reflexões de Paul Ricoeur, o qual sublinha a importância que a narrativa tem na construção da identidade pessoal. Nesse sentido dever-se-ia compreender a razão pela qual as *quatro biografias* sobre Jesus, tentando narrar todo o arco da sua vida, tiveram a preferência sobre outros escritos sobre ele em que este aspecto era parcial ou ausente. Para exemplificar, houve de fato escritos como o evangelho de Tomé, composto apenas por ditos (não narrativo), ou o evangelho de Pedro, composto apenas pela narrativa da paixão (narrativo, mas parcial). Vendo a questão a partir de uma perspectiva mais ampla, a identidade narrativa teve uma particular capacidade de ligar a identidade histórica (o Jesus terreno) com a identidade dogmática (vida posterior da Igreja), e assim teve uma enorme influência para a cristologia, e espiritualidade e a ética cristãs.

Escritura: Por fim, a terceira pergunta refere-se a quando os quatro evangelhos passaram a ser considerados Escritura. Primeiro Guijarro indica que este processo passou por duas fases: uma primeira onde as comunidades reconheceram um valor e uma autoridade especiais aos quatro escritos em questão, e uma segunda em que estes e somente estes, dentre os evangelhos, foram reconhecidos como medida da fé e da vida da Igreja (canonização). O autor fixa-se particularmente na primeira fase, e está disposto a reconhecer, com autores como Dwight Moody Smith, que já no momento da redação os seus autores tinham a pretensão de escrever algo com uma especial autoridade. Deve-se levar em conta que no I séc. o cânon das Escrituras de Israel ainda não estava fechado, fato que levou certos grupos a continuar compondo seus livros (Qumran, grupos apocalípticos). Em se tratando dos evangelhos temos como principais indícios do valor que os autores lhes atribuíam o fato que eles concebem seus escritos como continuação das Escrituras de Israel. Citando apenas o exemplo de Marcos, em seus primeiros versículos (1,2-3) o evangelista situa o relato dentro de uma promessa anterior das Escrituras que agora chega ao seu cumprimento, isto é, a promessa presente no final do livro de Malaquias (3,22-24), o último dos livros proféticos, onde o profeta anuncia a vinda de Elias, mensageiro que irá preparar o caminho, identificado por Marcos com João Batista através da alusão à indumentária

(cfr. Mc 1,6 com 2Reis 1,8). Chama também a atenção o fato de que Mateus e Lucas tenham *reescrevido* e atualizado o evangelho de Marcos, reconhecendo, portanto, um valor particular a esta obra pioneira, e que certos acréscimos feitos ao evangelho de João, como a segunda conclusão (cap. 21) e os caps. 15-17, não tenham eliminado nada do texto anterior, ao ponto de que os sinais dos acréscimos são bem visíveis.

As hipóteses que Santiago Guijarro têm levantado para responder a questões abertas em torno ao processo de formação e recepção dos quatro evangelhos são deveras de grande interessa e valor científico, sobretudo porque fruto da sua pesquisa constante e realizada em estreito contato com a pesquisa atual na área. Segundo o meu modesto parecer, contudo, ainda é preciso continuar aprofundando o tema do gênero literário dos quatro evangelhos, para demonstrar que o gênero literário greco-romano *bíos* era suficientemente difundido no contexto siro-palestinense ao ponto que Marcos, Mateus e João escolhessem adotá-lo (é mais fácil admitir que Lucas o conhecesse). Por outro lado, embora Guijarro apresente argumentos muito válidos no sentido de que os evangelistas, ao redigir os seus escritos, tinham consciência do seu especial valor e autoridade, creio que também aqui, seguindo as pistas abertas pelo exegeta espanhol, há caminho ainda a percorrer.

*Antônio César Seganfredo, Cs**

*Antônio César Seganfredo, Cs, é doutorando em Teologia Bíblica e professor do ITESP.